Um dia, em pleno inverno, em que os flocos de neve caíam do céu como plumas, uma rainha estava sentada junto a uma janela de caixilhos de ébano preto e cosia. E enquanto cosia e olhava a neve caindo picou-se no dedo com a agulha e três gotas de sangue tombaram na neve. E era tão bonito de ver o vermelho sobre a neve branca que ela disse:

– Oh, se eu pudesse ter uma filha tão branca como a neve, tão vermelha como o sangue e tão negra como a madeira deste caixilho!

Pouco depois, teve uma menina que era tão branca como a neve, tão vermelha como o sangue e com os cabelos tão pretos como o ébano e a quem, por tudo isto, chamaram Branca de Neve. E quando a criança nasceu, a rainha morreu.

Um ano depois, o rei casou-se de novo. A sua nova esposa era uma bela mulher, mas orgulhosa e altiva, que não suportava que alguém fosse mais belo que ela. Tinha um espelho mágico e quando se olhava nele perguntava:

-Espelho meu, espelho verdadeiro,

Quem é a mais bela do mundo inteiro?

E o espelho respondia:

-Minha rainha, vós sois a mais bela do mundo inteiro.

E ela ficava tranquila porque sabia que o espelho dizia sempre a verdade.

Entretanto, a Branca de Neve crescia, cada vez mais bela; quando tinha sete anos, era tão bela como a luz do dia e mais bela que a própria rainha. E um dia em que a rainha perguntou ao espelho:

-Espelho meu, espelho verdadeiro,

Quem é a mais bela do mundo inteiro?

Ele respondeu:

-Minha rainha, sois mais bela que a rosa,

Mas Branca de Neve é mil vezes mais formosa.

Então a rainha assustou-se e ficou amarela e verde de inveja.

Por isso mandou chamar um caçador e disse--lhe: «Leva esta criança para a floresta, que não quero mais vê-la. Vais matá-la e tens de me trazer o fígado e os pulmões como prova.» O caçador obedeceu e levou-a, mas quando desembainhou o punhal e quis cravá-lo no coração da inocente Branca de Neve, ela começou a chorar e disse: «Bom caçador, poupa-me a vida; eu fujo para a floresta e nunca mais voltarei.» E ela era tão bonita que o caçador teve pena e disse:

– Corre então, pobre criança.

E como um javalizito passou por ele saltitando degolou-o, tirou-lhe os pulmões e o fígado e levou-os como prova à rainha. A cozinheira teve que os cozinhar com sal e a malvada mulher comeu-os, convencida de que eram os pulmões e o fígado da Branca de Neve.

[…]

GRIMM, Jacob e Wilhelm – "A Branca de Neve". In Contos de Grimm. trad. Graça Vilhena e Ana Castro Osório. Lisboa: Relógio de Água Editore